DE LACAN A FERENCZI. POR UMA *POLÉTICA* DA PSICANÁLISE¹

*Luiz Eduardo Prado de Oliveira**

RESUMO

A partir da verificação da importância do conceito de história na obra de Jacques Lacan, buscamos situar o lugar que ocupa nela a contribuição de Sándor Ferenczi. Para tanto, começamos estudando a inscrição do sintagma “pulção de morte” em seus escritos, como também nos textos de Sigmund Freud, enquanto apontamos seu lugar fundador na teoria de Lacan. Além das consequências teóricas destas comparações, constatamos problemas maiores de tradução dificultando o estabelecimento da relação lógica entre as obras de Ferenczi e de Lacan. Reproduzimos este exercício epistemológico examinando a incidência de um outro texto de Ferenczi tanto em suas relações com Freud quanto no que ele inspira Lacan. Tratando de problemas técnicos, este texto tem importante incidência na história da psicanálise. Max Eitingon e Franz Alexander realizam em Berlim experiências psicanalíticas a partir deste texto de Ferenczi. Entre outras coisas, fazem variar a duração e o ritmo das sessões. Imigrando para os Estados Unidos, Alexander recomeça tais experiências em Chicago, sempre evocando Ferenczi. Mostramos ainda mais, mostramos que, através de Alexander, é Ferenczi que marca Lacan. Antes de retomar seu seminário sobre os nomes do pai com o título agora de “os não-tolos erram” (foneticamente, *les non-dupes errent*), Lacan encontra Imre Herman em Budapeste e têm uma longa conversa sobre Ferenczi. Trabalhando este último texto de Ferenczi, assinalamos enfim problemas maiores de tradução. Definimos então uma *polética* da tradução que se confunde com aquela da psicanálise. A *polética* reúne as clínicas psicanalíticas, suas histórias, suas políticas enquanto atos performativos e reflexivos necessariamente transitivos entre real, imaginário, simbólico, eles próprios históricos.

Palavras-chave: Lacan; Ferenczi; história; tradução; *poléthique*.

*Psicanalista, membro de Espace Analytique-Paris, antigo professor emérito de psicopatologia e história da psicanálise, antigo psicólogo clínico, psicoterapeuta, Centro hospitalar Sainte-Anne.

FROM LACAN TO FERENCZI, FOR A POLETHICS OF PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

After verifying the importance of the concept of history in Jacques Lacan's work, we sought to situate the place occupied by Sándor Ferenczi's contribution. To do this, we began by studying the inscription of the "death drive" syntagm in his writings, as well as in Sigmund Freud's texts, while pointing out its founding place in Lacan's theory. In addition to the theoretical consequences of these comparisons, we have noted major translation problems that make it difficult to establish a logical relationship between Ferenczi's and Lacan's works. We reproduced this epistemological exercise by examining the impact of another text by Ferenczi, both in its relationship with Freud and in what it inspires in Lacan. Dealing with technical problems, this text has an important impact on the history of psychoanalysis. Max Eitingon and Franz Alexander conducted psychoanalytic experiments in Berlin based on this text by Ferenczi. Among other things, they varied the length and pace of the sessions. Immigrating to the United States, Alexander restarted these experiments in Chicago, always evoking Ferenczi. We have shown even more, we have shown that, through Alexander, it is Ferenczi who marks Lacan. Before resuming his seminar on the names of the father, now entitled "the non-dupes errent" (phonetically akin to the names-of-the father), Lacan meets Imre Herman in Budapest, and they have an extended conversation about Ferenczi. Working on this last text by Ferenczi, we again identified major translation problems. We then define a politics of translation intertwined with that of psychoanalysis. Polethics brings together psychoanalytic clinics, their histories, their politics as performative and reflexive acts necessarily transitive between the real, the imaginary and the symbolic, themselves understood as historical.

Keywords: Lacan – Ferenczi – history – translation – polethics

DE LACAN À FERENCZI, LA POLÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE

RÉSUMÉ

Après avoir vérifié l'importance du concept d'histoire dans l'œuvre de Jacques Lacan, nous avons cherché à y situer la place occupée par l'apport de Sándor Ferenczi. Pour ce faire, nous avons commencé par étudier l'inscription du syntagme « pulsion de mort » dans ses écrits, ainsi que dans les textes de Sigmund Freud, tout en soulignant sa place fondatrice dans la théorie de Lacan. Outre les conséquences théoriques de ces comparaisons, nous avons relevé d'importants

problèmes de traduction qui rendent difficile l'établissement d'une relation logique entre l'œuvre de Ferenczi et celle de Lacan. Nous avons reproduit cet exercice épistémologique en examinant l'impact d'un autre texte de Ferenczi, tant dans son rapport avec Freud que dans ce qu'il inspire à Lacan. Traitant de problèmes techniques, ce texte a un impact important sur l'histoire de la psychanalyse. Max Eitingon et Franz Alexander ont mené des expériences psychanalytiques à Berlin à partir de ce texte de Ferenczi. Ils ont notamment fait varier la durée et le rythme des séances. Immigré aux Etats-Unis, Alexander a repris ces expériences à Chicago en évoquant toujours Ferenczi. Nous avons montré plus encore, nous avons montré qu'à travers Alexandre, c'est Ferenczi qui marque Lacan. Avant de reprendre son séminaire sur les noms du père, désormais sous le titre de « les non-dupes errent », Lacan rencontre Imre Herman à Budapest et ils s'entretiennent longuement sur Ferenczi. En travaillant sur ce dernier texte de Ferenczi, nous avons finalement identifié des problèmes majeurs de traduction. Nous définissons alors une politique de la traduction qui se confond avec celle de la psychanalyse. La poléthique rassemble les cliniques psychanalytiques, leurs histoires, leurs politiques, en tant qu'actes performatifs et réflexifs qui sont nécessairement transitifs entre réel, imaginaire et symbolique, eux-mêmes historiques.

Mots-clés : Lacan – Ferenczi – histoire – translation – poléthique

Tento aqui situar Jacques Lacan na história da psicanálise, com Ferenczi e em relação a ele; tento, também, saber se o tato, a empatia e o relaxamento, principais proposições clínicas de Ferenczi, para serem bem utilizadas hoje, não necessitariam ser abordadas a partir da dialética da intersubjetividade, antes que se verifique sua consistência com a lógica borromeana ou, melhor dito, segundo a lógica da interrogação, evitando dogmatismos, certezas, censuras: um permanente interrogar-se, sobretudo sua consistência com esta lógica entendida como uma lógica do impossível, uma lógica impossível (Guitart, 2012). Perguntar já é uma posição política. Mais do que isso, queremos saber se a suposta técnica psicanalítica não é, antes de tudo, um ato político, e se a história da psicanálise pode esclarecê-lo.

LACAN, A HISTÓRIA

Existe uma história, ou histórias. *História* é um significante que percorre a obra de Lacan. Já em sua aula de janeiro de 1954, Lacan

lança fundamentos teóricos surpreendentes. Ele diz e escreve o seguinte: “O centro de gravidade do sujeito é essa síntese presente do passado a que chamamos de história”. Em seguida, pontua — a única maneira de aprofundar o significado do discurso é considerá-lo como um “discurso histórico” (1954-1955/1986, p. 48).

Desde cedo, Lacan afirma: “Com efeito, se tomamos por legítimo fazer prevalecer o método histórico no estudo em si dos fatos do conhecimento...” (1936/1998, p. 78). Lacan afirma a “historicidade fundamental” do campo da psicanálise (1953/1998, p. 289). Em 1955, repetido dez anos depois em 1966, Lacan insiste: “A moderna noção de história não será menos necessária ao analista para compreender sua função na vida individual do sujeito” (1955/1998, p. 363). Que um significante represente um sujeito para um outro significante é um fato determinado por razões históricas — declara no seminário *O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992, p. 18). “É nessa direção que o gozo deve ser visto”, afirma Lacan em *Os não-tolos* (1973-1974, p. 13); o gozo é histórico, tanto quanto a estrutura, ele abraça a história, uma estrutura é acima de tudo um fato histórico. Em o *RSI*, Lacan navega pelas datas da história da geometria, o “princípio de realidade” corresponde a uma história social (1974-1975, p. 28), é a história que testemunha a distribuição dos fatos lógicos entre real, simbólico e imaginário. E, novamente, para abordar o *Sinthoma*, Lacan lê muito sobre a história, declara seu interesse pela história da escritura por ser através dela que “historicamente entramos no real, a saber, que paramos de imaginar” (1975-1976/2005, p. 66). Um ano depois, em *O não sabido que sabe do equívoco*, afirma que o nome Borroneu marca uma data histórica em que “a própria ideia de estrutura foi elucubrada”(1976-1977, p. 58). Lacan sublinha sempre que o conceito de estrutura é passageiro, que não durará muito, que é um conceito histórico. Ao final de seu percurso, chegando ao *Momento de concluir*, é em Karl Marx que se baseia para resumir sua obra: “Marx era também um poeta (...) se ele chama seu materialismo de histórico não é por acaso (...). Tudo que enunciei concernindo ao tecido que forma o pensamento nada mais é do que dizer exatamente as coisas da mesma maneira” (1977-1978, p. 28)”. Que Lacan tenha sido um leitor atento e criativo de Marx aparece em seu conceito de mais-de-

gozar, mais-valia, prazer marginal; Marx é talvez o primeiro pensador atento às margens e aos marginais.

Ocupando um lugar tão central entre as referências de Lacan, como ocorre que a história se torne invisível e que tantas leituras e escritos a partir de Lacan nunca se refiram a ela? Nada que leve menos a história em consideração do que a literatura corriqueira inspirada em Lacan. Entre outras razões, talvez isso se deva ao fato de que Lacan não situa suas próprias teses em uma perspectiva histórica, dentro da história da psicanálise, não traça o percurso das teses que utiliza. Ele avalia seus precursores e os *julga*; julgando, Lacan se afilia à filosofia. A Crítica da faculdade de julgar, de Immanuel Kant, data de 1790. Nunca a história da psicanálise havia sido palco de tanto julgamento, nunca ela calaria tanto seu percurso. Isto, porém, vem desta história ela mesma. Para Freud e para Ferenczi, a história à qual Lacan se refere, a história materialista, do materialismo histórico, costurada pela linguagem, é uma história inexistente, e não apenas esta, porém qualquer história capaz de situá-la. Lacan segue a retórica freudiana e parece se excluir da história, como o fez Freud. A contribuição à história do movimento psicanalítico de Freud é um exercício de autobiografia imodesta, que só tem de histórico um semblante (Pontalis, 1991, p. XXI). Para Lacan, a história é um real, retornando sempre ao mesmo lugar. A forclusão da história, impedindo que se veja uma característica central, estrutural de seus seminários, é que eles se deram desde sempre sob ameaças, a partir de um afastamento, o que cria, como assinala Leo Strauss (2015), uma relação particular à linguagem. Não compreenderemos as particularidades do estilo de Lacan sem levar em consideração o fato de que ele se formou a partir de um choque entre um desejo e sua repressão, e sua perseguição.

Tratando da história, trato da clínica, das condições preliminares a todo tratamento possível em psicanálise, ou seja, situar, estar atento à articulação de nossa história comum com a história de cada um; o que faço é uma clínica política da história da psicanálise, uma proposição *polética*.

O DESLOCAMENTO DA PULSÃO DE MORTE: FREUD, FERENCZI, LACAN

Em 1953, no auge de seus conflitos com a psicanálise institucionalizada, Lacan escreve para Michael Balint: “Saiba que faço sempre uma grande

parte de meu ensino na linha espiritual de Ferenczi” (1976, p. 200)”. A partir daí, cabe ver em que Ferenczi marcou Lacan. Digo que a primazia do Outro é uma revolução trazida por Ferenczi à psicanálise. *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* inscreve o real, sua radicalidade, a morte, no emaranhado do discurso do Outro (Ferenczi, 1929/2022, pp. 55-60). Ferenczi é quem insiste sobre o descentramento do inconsciente do sujeito para um espaço indeterminado. Mais tarde, Lacan dá um passo além e sublinha que a pulsão de morte “é constituinte da posição fundamental do sujeito humano” (1954-1955/1979, p. 195). Ferenczi amplia a definição da pulsão de morte proposta por Freud de maneira a localizá-la na família, no discurso, no acolhimento, na sociedade. Ele abre o caminho para que compreendamos sua inscrição nas lutas políticas.

Em carta de abril de 1919 para Lou Andreas-Salomé, Freud comunica que tudo que lhe sobra de sua metapsicologia é o *Além do princípio de prazer* (Andreas-Salomé, 1970, p. 122). Ele havia acabado de começar a análise de sua filha, Anna Freud, em 1918. Esta menina sempre ocupou lugar particular no discurso do pai, tendo nascido a contragosto da vontade da sua mãe, só seu pai a queria, ele lhe teria dado o nome de Wilhelm se fosse um garoto, em homenagem a seu grande amigo Wilhelm Fliess (Young-Bruehl, 1988/1991, p. 22); a menina escapou de se chamar Wilhemina. Ele a assimila à própria psicanálise, a ele mesmo: “Vejo agora, te olhando, quanto sou velho, pois você tem exatamente a idade da psicanálise”, escreve ele para a filha, dando-lhe parabéns por seu aniversário em 6 de dezembro de 1920 (2012, p. 286). Ele cria o conceito de metapsicologia logo depois do nascimento desta caçula, segundo o que escreve para Fliess em 13 de fevereiro de 1896 (2006, p. 222). Freud a envolve em discurso contraditório: — “Você me prometerá também de boa vontade não me extenuar 9hs por dia.” — porém, ao mesmo tempo, a mantém em análise seis ou mais vezes por semana. Alguns anos depois, em carta do 15 de julho de 1930, Anna Freud escreve para uma amiga dizendo-lhe que seu pai lhe impora quatro sessões por dia (2003, p. 204). É no meio desta análise que ele escreve sobre a pulsão de morte, escrevendo em paralelo *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Ora, ao final de sua análise, Anna faz enfim seu pai entender o que ele havia evitado de ler em várias de suas cartas anteriores, enviadas desde sua adolescência, ou seja, que ela

ama uma mulher, após se ter apaixonado por algumas outras. A pulsão de morte enquanto teoria tem raízes na clínica, confundida com a vida familiar de Freud, nos desejos imperiosos de um pai em relação à filha; desde sempre é na família que se inscreve a pulsão de morte. Anna Freud sempre se sentiu mal acolhida em casa, entre os seus, tendo sido perdida em um parque quando era ainda pequena, tendo como um de seus principais textos “Sobre perder e ser perdida” (1967).

Na mesma época em que Ferenczi publica *As crianças mal acolhidas e sua pulsão de morte*, em 11 de janeiro de 1929, Freud escreve a Ludwig Binswanger, contando seus planos de férias: “Nossos laços simbióticos com uma família americana (sem marido), cujas crianças são seguidas em análise por minha filha com mão firme se tornam cada vez mais sólidos, de maneira que nossas soluções para o verão são comuns” (1995, pp. 278-279). As crianças seguidas em análise “com mão firme” são os quatro filhos de Dorothy Tiffany Burlingham, companheira de Anna e paciente de seu pai. Esta “mão firme” que conduzia a análise das crianças de dia, de noite segurava as mãos da mãe das crianças. *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* foi, também, talvez, uma interpretação dada por Ferenczi a Freud, possibilitando que ele compreendesse estas relações como simbióticas.

Bem antes que a “prematuridade da linguagem, o desmame, o gozo narcísico, a alienação do sujeito na linguagem” enquanto “momentos da emergência particular da pulsão de morte” tenham sido isolados por Lacan (Arbísio, 2016, pp. 90-96), eles aparecem caracterizados enquanto tais pela primeira vez em outro artigo de Ferenczi, de 1928, “A adaptação da família à criança”, em que já era esboçado o discurso do Outro enquanto fundamento da subjetividade. Nele, o gozo narcísico está ligado aos “maus hábitos” da masturbação, enquanto a alienação do sujeito pela linguagem, permanente e progressiva desde antes do nascimento, aparece vinculada à passagem da infância à vida adulta. Ferenczi descreve como as crianças se prendem na confusão de línguas dos adultos e, sobretudo, no que não dizem, escondem, calam, mas que, em silêncio, elas, crianças, deduzem.

Aparece na tradução brasileira deste artigo algo estranho. Leio: “Os pais não podem acreditar que a criança experimente *sem* seu sexo sensações análogas às deles (1928a/2022, p. 10)³.” O que está escrito na tradução francesa, na qual se inspira a brasileira, é outra coisa: “Os pais não podem

acreditar que a criança experimente *em* seu sexo sensações análogas às deles.” (1928b/1985, p. 37) (meus itálicos). A tradução inglesa confirma (1928c/2018, p. 70) o que é claro no original (1928, p. 246)⁴. Já veremos o interesse estratégico de usar aqui o inglês enquanto terceira língua.

Nesse artigo, ainda, Ferenczi utiliza um significante que não teria escapado ao leitor atento, conhecedor da história da psicanálise, que era Lacan, e que nossas traduções escondem, revelando. Elas traduzem: “Quanto à criança, sente-se reprovada por causa de suas sensações e acredita que os adultos são, a este respeito, puros e imaculados” (1928a/2022, p. 10). Esta palavra “reprovada” é acompanhada de asterisco indicando o termo alemão utilizado — *Verworfen*. Ora, a *Verwerfung*, tendo sido traduzida por Lacan como “foraclusão”, estas linhas poderiam ter tido outra tradução, sendo ouvidas e lidas como — “Quanto à criança, sente-se *foraclusida* por causa de suas sensações, acreditando que os adultos”, etc. (1928, p. 247)⁵. Esta ausência de tradução tem consequências psicanalíticas, políticas e históricas, logo fazendo parte de uma *polética* da psicanálise, escondendo a situação do conceito, foracluindo a inspiração de Lacan, duplicando sua ausência da história.

“A foraclusão é uma noção delicada, dispersa, difícil de apreender”, escreve Jean-Richard Freymann (2019, p. 57). Poderíamos também estudar a história da foraclusão, seu percurso nos escritos de Lacan, nas constelações teóricas e clínicas que se inscrevem entre diferentes autores. Foi o que fiz a partir da *Carta Roubada* (2011, pp. 77-92), que parece foracluir tantos nomes impostos pela leitura intertextual do escrito de Lacan. O que começa como foraclusão do nome-do-pai segue um caminho inesperado, primeiro com o próprio Lacan, evocando uma “foraclusão parcial da castração” (2013, p. 237); em seguida, quando ele sublinha que a foraclusão do nome do pai é função da palavra da mãe (1973-1974, p. 71). Este é um ponto sobre o qual nunca insistiremos o suficiente, é um ponto maior na *polética* da psicanálise, pois impede o fechamento do analista e de sua clínica em uma relação imaginária em que o pai aparece como onipotente e seu nome como totalitário. Inscrevendo o nome do pai em uma cascata de referências triangulares, Lacan retoma Freud, que se corrige a si próprio ao observar que, escrevendo “paternal”, o que pretende significar é “parental” (Freud, 1912-1913/1993, p. 312). É realmente sobre os *pais* que ele escreve (idem,

p. 168). Ultimamente, a forclusão é ainda uma última vez reelaborada por Jacques-Alain Miller, aparecendo então como forclusão generalizada, cuja possibilidade de aplicação política não nos escapa (2018, pp. 131-135). Ferenczi inscreve a forclusão na origem da constituição do sujeito. De uma maneira ou de outra, todos somos mal acolhidos; a falta que ama nos cria, dá forma e nos põe em movimento. “Entre areia, sol e grama, o que se esconde se dá, enquanto a falta que ama, procura alguém que não há”, cantava Carlos Drummond de Andrade (1968/2015). A criança mal acolhida não tem palavras que a recebam, não é nomeada, nem abraçada, nem inscrita na estrutura familiar, ela é forcluída. Hoje, sabemos, não são apenas crianças que são mal acolhidas, forcluídas, porém mulheres, povos, escolhas eróticas, desejos.

A TÉCNICA ATIVA

Mal termina a Primeira Guerra Mundial, entre Budapeste e Viena devastadas, Ferenczi publica *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1918/2021). Trata-se do relato de um caso clínico em que ele dá ordens a uma paciente para não cruzar mais as pernas. Ele a suspeita de assim se masturbar e imagina que a proibição facilitaria suas associações livres. A técnica ativa consiste na intervenção do analista curto-circuitando o ritmo do paciente, suas associações, dificuldades, fala. A técnica ativa pretende forçar a resistência. O artigo é acolhido com entusiasmo por Freud em maio de 1918: “São peças raras, perfeitamente claras e rigorosas, provas de um domínio completo. O trabalho que evoca os equivalentes do onanismo é um bom começo, com um tema importante tanto do ponto de vista teórico quanto prático, o da técnica ativa” (Freud & Ferenczi, 1992, p. 310). Na mesma época, Freud começa a análise de sua filha, que sofre do mesmo sintoma, da mesma compulsão que a paciente de Ferenczi, dificuldades que seu pai certamente já conhecia, pois acarretam à menina um estado de abatimento e isolamento.

Sempre pioneiro, ele próprio, Freud, inaugurou a prática da técnica ativa. O primeiro episódio conhecido de sua prática desta técnica é sua análise de Olga Hönig desde 1897. Os historiadores apontam a coincidência entre o começo desta análise e o período mais fértil de sua

autoanálise (Stuart, 2007). Alguns anos mais tarde, ela se tornará a mãe do pequeno Hans, graças aos conselhos de Freud a seu amigo, marido da jovem, Max Graf. Freud frequentará com assiduidade a casa do jovem casal, levando presentes para seu filho, Herbert, futuro Hans (Graf & Eissler, 1996). A confusão entre análise e vida social com os pacientes é uma constante para Freud. Mais tarde, ele acolhe Marie Bonaparte, sua paciente, em sua família, durante as férias. Um dos sentidos que teve a técnica ativa de Ferenczi foi de tentar trazer o ativismo destes psicanalistas do começo da história da psicanálise, inclusive o seu próprio, para dentro da sessão, isto é, criando as condições para a análise do ato.

Em meados de 1920, a técnica ativa é levada para Berlim por Max Eitingon e Franz Alexander. Eles fazem todo tipo de experiências: reduzem o número de sessões por semana, a duração das sessões, enchem as salas de espera com pacientes, como o próprio Freud o fazia ao começar sua clínica, ou seja, ele enchia sua sala de esperas nem que fosse com membros de sua família, visando dar a impressão aos pacientes de que eram numerosos a esperá-lo; em Berlim, tenta-se ainda a “análise fragmentária”, uma análise que, ao invés de ser contínua, se desenrola em várias breves sequências, experiência já narrada por Ferenczi em seu texto sobre a análise descontinua (1914).

Alexander mudou-se para Chicago em 1936, e logo retoma estas experiências, causando comoção entre os analistas norte-americanos (Schmidt, 2010). As sessões com duração variável — e nem sempre curtas —, o saber fazer da escansão das sessões, a topologia de uma transmissão são elementos da psicanálise vindos da técnica ativa. É um solipsismo psicanalítico procurar as origens da duração variável das sessões sem levar em conta a história da psicanálise e a situando exclusivamente como uma invenção de Lacan, em sua abordagem das sessões a partir de um modelo algébrico ou lógico.

Pelo menos em 1953, quando estava ainda fundando sua técnica da duração variável das sessões, por duas vezes Lacan evoca a sessão de duração variável, cujo método ele não defende, mas cujo bem fundado ele deseja mostrar, assimilando-a aos métodos zen, sem se referir ao que conhecia de seus traços na história da psicanálise (1953-1954/1998, pp. 316-317). Podemos ir além e considerar a técnica ativa como

precursora da técnica do relaxamento de Ferenczi, quando o analista propõe interpretações de maneira lúdica, transformando a sessão, não apenas em jogo de livre associação e interpretação, mas em um espaço de brincadeiras, como o fazem tantos analistas desde as primeiras experiências de Ferenczi e como o faz, também, Lacan com seus nós e outras rodela de barbante construídos durante as sessões, servindo-lhe com seus pacientes. Precursor, Ferenczi foi também para Lacan um semelhante, como pontua Colette Soller, que lembra como Lacan se inspirava em Ferenczi, assinalando que nada mais oposto a Lacan que a caricatura tradicional do analista — sério, silencioso, inatingível. Um tal analista no campo lacaniano só se pode compreender como produto de uma identificação imaginária com um Lacan que nunca existiu. Lacan era um analista alegre, brincalhão, adorando chistes, surpreendendo seus interlocutores, seduzindo (Roudinesco, 1993, p. 271; Van Reeth, 2018). Entre psiquiatria e psicanálise, Marguerite Anzieu, aliás Aimée, sua paciente que, por causa disso o rejeita, é a primeira a considerá-lo brincalhão, palhaço (*pitre*) (Roudinesco, 1993, p. 79; Allouch, 1994, pp. 567, 653). Serge Leclair, colaborador e amigo, explica como Lacan fazia sua autoanálise e sua análise ao mesmo tempo através de seus seminários, colocando seu público em posição de seu analista (Van Reeth, 2018). De Marguerite Anzieu a François Weyergans, paciente e amigo, todos testemunharam as palhaçadas de Lacan durante as sessões (Weyergans, 1973). Weyergans chega mesmo a considerar Lacan com as mesmas palavras que Freud utilizava para qualificar Ferenczi, isto é, como seu Grande Vizir. Lacan era o Grande Vizir deste seu paciente, mas talvez não só. Ora, o que é a técnica do relaxamento segundo os exemplos dados por Ferenczi — que transgredia todos os “conselhos técnicos” freudianos sem suscitar a cólera de seu amigo —, o que é esta técnica senão a aplicação do humor e da brincadeira durante a sessão (1930, pp. 67-68, 77)? Os recursos técnicos psicanalíticos do eterno silêncio, das sessões cortadas sistematicamente de maneira abrupta, a frieza e o distanciamento não correspondem à prática habitual de Lacan, exceto quando encerrava seu percurso. Tanto Georg Groddeck (1977, p. 111) quanto Federico Fellini (1972) comparam a psicanálise a um grande circo, considerando o picadeiro como melhor metáfora da condição humana que o teatro ou

a literatura. Chegando à conclusão de sua obra, Lacan reivindica a vida e a psicanálise como comédias e diz não compreender a escolha da tragédia por Freud como eixo central da psicanálise: “A vida não é trágica, ela é cômica e, no entanto, é bastante curioso que Freud não tenha pensado em nada melhor do que se referir ao complexo de Édipo, ou seja, uma tragédia, como o que se tratava (...) nessa relação que liga o Simbólico, o Imaginário e o Real.” (Lacan, 1977-1978, p. 10).

Desde sempre, a transmissão da psicanálise foi considerada o eixo central da política das instituições de psicanálise. Devemos fazer agora um passo à frente e considerar a própria técnica psicanalítica como vetor de transmissão *poléthique*, de lutas sociais. Ferenczi, sendo precursor de Lacan, em que Lacan traz consistência teórica às suas intuições, tirando deduções lógicas frutuosas, não só a propósito do humor e da brincadeira, mas também ampliando as intuições de Ferenczi relativas ao interesse da matemática, da álgebra, da lógica na definição do símbolo e, de uma maneira geral, à abordagem da subjetividade e de sua dialética. As teses sobre os nós borromeanos levam às últimas consequências o que está presente em germe no artigo de Ferenczi, “Matemática”, em que ele afirma que o cérebro é uma máquina de calcular (1920/2022, p. 207).

A ELASTICIDADE DA TÉCNICA PSICANALÍTICA

Ainda outra forma de clínica é a leitura atenta ao encadeamento dos significantes na página escrita (Deleuze, 1993). No final de 1927, Ferenczi faz uma conferência na Sociedade Húngara de Psicanálise, logo publicada no ano seguinte. É *Elasticidade da técnica psicanalítica*. A carta de Freud para Ferenczi, de janeiro de 4 de janeiro de 1928, mostra seu entusiasmo com esse artigo. Ferenczi é para ele um psicanalista maduro, no auge da criatividade, tem razão em todas as críticas que faz a seus próprios escritos sobre a técnica analítica, escritos “sobretudo negativos”, segundo o próprio Freud, que “achava essencial pôr em evidência o que não devemos fazer. Tudo que se pode fazer em sentido positivo eu o abandonei ao ‘tato’ introduzido por você”, escreve ele a Ferenczi (Freud & Ferenczi, 2000, pp. 370-371). Podemos interrogar as razões de Freud de atribuir a Ferenczi algo que ele mesmo fez. Pelo menos desde suas duas

contribuições para a Enciclopédia — sobre a definição da psicanálise e a exposição da teoria da libido —, Freud já aponta a necessidade do tato (1923/2011, p. 280). Agora ele o atribui a seu amigo e termina exigindo dele uma definição que acabe com o caráter místico do tato.

Então, na versão final do artigo, Ferenczi teria proposto essa definição: “O tato é a capacidade de ‘sentir com’.” Entre parênteses aparece nas traduções brasileira e francesa a palavra alemã que o “sentir com” traduziria — *Einfühlung* (1928d/2022, p. 31; 1985, p. 55), que não aparece na tradução inglesa (2018, p. 89), em que esse “sentir com” (*feel with* ou algo assim) também não aparece. E, de fato, nem este sintagma “sentir com”, nem nada de parecido, existe no texto original. A palavra usada em alemão é *Einfühlungsvermögen*: “*Takt ist Einfühlungsvermögen*”. Mais do que empatia, significa compreensão, delicadeza, sensibilidade, apego à empatia. Compreendemos, então, que os tradutores francês e brasileiro resolveram as nuances da palavra, explicando-as com este “sentir com” inexistente no original. Outra palavra composta, rara, aparecendo no texto de Ferenczi, só figurando além dele em um dicionário de esoterismo, é *Einfühlungsregel*, a regra da empatia (1928d, pp. 198-199). Estes mesmos tradutores que acrescentam “sentir com”, mais tarde traduzem este *Einfühlung* simplesmente por “compreensão” na edição francesa (1931/1982, p. 289), enquanto a edição brasileira modifica sua tradução, acrescentando o dito *Einfühlung* como uma palavra a mais após identificação, traduzindo-a então como uma “identificação” (*Einfühlung* = literalmente con-sentimento, *sic.*) (1931/2022, p. 293), de maneira que o leitor fica sem saber se se trata de erro tipográfico ou de outro sentido atribuído a *Einfühlung*, que passaria agora a significar “consentimento”, por exemplo, “uma identificação consentida”. Já a tradução inglesa diz “uma empatia plástica” (*plastic empathy*) (1931/2018, p. 249). Vemos que a confusão se alastra a despeito dos conceitos de Ferenczi.

Desde o final do século 19, um filósofo esquecido, importante para a psicanálise, Theodor Lipps, enfatizou o papel da *Einfühlung*, a empatia, para a convivialidade, tendo escrito alguns livros sobre ela, inclusive um *Escritos sobre a Empatia*. Em suas cartas para Wilhelm Fliess, Freud o menciona algumas vezes. Em agosto de 1898, ele escreve: “Me fixei como tarefa estabelecer uma ponte entre minha metapsicologia em germe e a

que aparece nos livros, e é por isso que mergulhei no estudo de Lipps (...).” Poucos dias depois, acrescenta: “Encontrei muito claramente em Lipps os elementos fundamentais do que compreendi (...)” (2006, pp. 412, 414). Ferenczi destaca a frieza, o distanciamento, a neutralidade e o intelectualismo predominantes entre os psicanalistas de sua época, considerando essas características como verdadeiras patologias, para as quais, em sua visão, a empatia seria o único antídoto. André Haynal e Ernst Falzeder sublinham que a pontuação de Ferenczi sobre a empatia (*Einfühlung*) só pode ser entendida no contexto de sua oposição ao *insight* (*Einsicht*), segundo eles ligado à compreensão intelectual (1993, p. 612). Daniel Kuperman discute de maneira ampla a empatia, suas origens, implicações e as propostas de Ferenczi sobre ela. Kuperman a considera como uma herança de um “romantismo esclarecido” e a vê como fundamento de sua própria proposta de uma técnica psicanalítica que siga a “via sensível da perlaboração” (2019/2022, pp. 118-133). Donnel Stern estabelece a história da psicanálise interpessoal nos Estados Unidos, que se originaria com Harry Stack Sullivan e com Clara Thompson (2017), antiga paciente de Ferenczi e analista de Sullivan. Mais recentemente, após elaborações refinadas (Gardner, 1924) e observações clínicas (Chasson, Erel-Brodsky & Taubman, Ben-Ari, 2024), a empatia serve causas revolucionárias atuais, enquanto haja quem considere seus limites enquanto movimento de compreensão do outro em si próprio (Guzzardi, 2024).

O fato teórico, porém, é que logo após definir o tato como a capacidade à empatia, Ferenczi acrescenta: “De fato, quase poderíamos falar de uma oscilação perpétua entre ‘sentir com’, auto-observação e atividade de julgamento” (1928/1985, p. 38). Mais uma vez, ainda nesta passagem, o que temos no original é *Einfühlung*, a empatia, e nenhum “sentir com” (1928, p. 205). Então, este “sentir com” é uma facilidade de tradução, uma licença poética tradutiva, criando uma categoria inexistente no pensamento de Ferenczi: “sentir com” é um caminho pavimentado de boas intenções, levando ao inferno da crença na proximidade, no compartilhamento de sentimentos entre o analista e o paciente, ou de triangulações mal orientadas, que excluem ou diminuem o lugar da linguagem.

Ferenczi afirma que a auto-observação e o julgamento devem equilibrar a empatia, levando a “uma eventual metapsicologia dos

processos psíquicos do analista durante a análise” (1928b/1985, p. 40), passo mais avançado, ponta de lança da autoanálise, tentativa de resposta à exigência de Freud relativa à desmistificação do tato, da empatia. Assim, tratar da empatia enquanto entidade isolada, tornada pura essência, revela-se infundado. Para Ferenczi, ela só existe em seu tríptico: empatia, auto-observação, julgamento, abordagem definida ainda por ele como a metapsicologia do próprio analista, abordagem decorrente da questão tratando de até onde foi a análise do analista. Entenda-se: ele, Ferenczi, foi analisado por Freud; mas Freud, por quem o foi, se o foi? Logo, Ferenczi se considera como mais analisado que o próprio Freud.

UMA POLÉTICA DAS TRADUÇÕES

Um benefício paralelo da abordagem aqui definida é de reafirmar as teses de Antoine Berman e de Henri Meschonnic, segundo quem nenhuma tradução pode hoje em dia deixar de se cotejar com outras traduções existentes (Berman, 1995; Meschonnic, 1999). Não há nenhum interesse neste começo de século em retraduzir Freud simplesmente em busca da miragem de uma tradução mais perfeita, mais rigorosa, mais exata, reificando o alemão, transformando-o em fetiche. Anna Freud, em bela homenagem póstuma a James Strachey, lembra e sublinha que o alemão não é o mesmo, quer seja no norte ou no sul da Alemanha, e que nuances locais de expressão desorientam qualquer estrangeiro tendo aprendido a língua segundo os hábitos de uma ou outra região (1969). Com isso, ela pretende assinalar a genialidade das traduções de Strachey. Este, aliás, na dedicatória que faz a Freud de sua tradução, a *Standard Edition*, nem pretende que ela o seja, sugerindo serem apenas “reflexões confusas dedicadas por seu inventor” (*blurred reflections dedicated by its contriver*) (Strachey, 1966). É uma pena que nenhuma das traduções de Freud em francês tenha beneficiado das nuances e das apreciações feitas por Anna Freud e da leitura atenta do trabalho de Strachey. Isso as levou a ficarem prisioneiras do canto das sereias de uma tradução perfeita do alemão e mesmo do fantasma de um alemão monolítico, atemporal. As traduções de Lacan, porém, têm outras implicações. Um autor e tradutor como Russel Grigg reconhece o valor de Strachey e as dificuldades existentes em

francês. Após apresentar os nomes dos diferentes tradutores de Lacan em inglês, ele assinala: “A primeira coisa a notar é que não existe um James Strachey nem uma ‘Standard Edition’ para Lacan em inglês” (2003). À violência da transposição do francês escrito em francês falado soma-se a dificuldade de tradução de um francês cuja referência é Luiz da Gongora ou Stéphane Mallarmé. Grigg faz um balanço preliminar das dificuldades apresentadas pela tradução de Lacan (2011). À tamanhas dificuldades vêm se acrescentar outras, devidas aos próprios tradutores que, muitas vezes, abdicam, guardando as palavras em francês ou simplesmente apagando-as (Oltarzewska, 2008). Se não existe tradução sem uma certa violência, no caso das traduções de Lacan esta pode-se transformar em brutalidade, a elegância da palavra se chocando com as restrições da escrita, e essa com um impossível da tradução maior ainda que o do próprio James Joyce. Tudo que Lacan diz dele se aplica, antes de tudo, ao próprio autor.

Uma política tradutiva contemporânea, revolucionária, passa necessariamente pela comparação com as traduções existentes em espanhol e em inglês que receberam o assentimento ou contaram com a participação do próprio Freud, como foi o caso das traduções em inglês. Foi através destas traduções, em inglês e em espanhol, que a psicanálise foi divulgada no mundo inteiro. O momento virá, é o que nos mostra a experiência histórica da tradução, em que os textos de Freud serão retraduzidos no próprio alemão. Se bastasse ler Freud em alemão para melhor se compreender sua obra e a psicanálise, as melhores contribuições a esta disciplina viriam das áreas cultural-germanófilas. E isto, sabemos, está longe de ser o caso. O erro dos tradutores de Ferenczi em português não é de se referir principalmente à tradução francesa, mas de esquecerem por completo a tradução inglesa pré-existente, mesmo se, de vez em quando, parecem lembrar-se do original alemão. Este é o erro também dos próprios tradutores franceses, fechados na certeza de seu trabalho inovador, esquecendo que o que fizeram já havia sido feito em inglês, mesmo se confessadamente de forma imperfeita, sobretudo se consideramos a tradução como um novo original, como o escreve com conhecimento histórico Ana Helena Souza (2006). Finalmente, um aspecto importante da política da psicanálise reside nesta política tradutiva. Nenhuma teoria psicanalítica pode pretender deter a verdade exclusiva da psicanálise ao detrimento de outras teorias, cuja

validade se comprovou através de clínicas singulares. O entusiasmo com avanços revolucionários não pode obscurecer as perspectivas dos percursos históricos da psicanálise.

A DIALÉTICA DA INTERSUBJETIVIDADE, O NÓ BORROMEU

Lacan sublinhou a importância da linguagem, pontuou seu caráter equívoco, a extensão dos mal-entendidos, das confusões provocadas por ela. Mesmo entendendo a linguagem a partir da semiótica, considerando as linguagens corporais e outras pelas quais somos atravessados, a incidência dos equívocos persiste. Freud escreveu sobre o duplo sentido das palavras primitivas. Mais do que duplo, as palavras são sobredeterminadas por nossas histórias; elas nos dão nós, nós borromeanos.

Antes dos psicanalistas, Lewis Carroll descreve a apresentação do equívoco. Humpty Dumpty e Alice têm uma conversa que chamou a atenção dos linguistas. “Não sei o que você quer dizer por ‘glória’”, diz Alice. Humpty Dumpty sorri com desdenho. “Claro que você não sabe — até que eu lhe diga. O que quero dizer é ‘eis aqui um belo argumento para te derrubar!’” — “Mas ‘glória’ não quer dizer ‘um belo argumento para te derrubar.’” — “Quando *eu* uso uma palavra, ela diz exatamente o que eu escolho que ela diga — nem mais nem menos.” — “A questão é,” retoma Alice, “se você *pode* fazer que as palavras digam tantas coisas diferentes.” — “A questão é, quem deve mandar — isso é tudo.” (...) Ele continua falando das palavras: “Elas são temperamentais, algumas delas — particularmente verbos: são os mais orgulhosos — com os adjetivos, podemos fazer o que queremos, mas não com os verbos — entretanto, *eu* consigo dominar todas elas! Impenetrabilidade! É o que digo!” — “Você poderia me dizer, por favor, o que quer dizer isso?” — “O que quero dizer por ‘impenetrabilidade’ é que já falamos demais sobre este assunto, e seria muito bom que você me dissesse o que pretende fazer agora, pois suponho que você não tenha a intenção de ficar aqui o resto da vida.” — “É muito trabalho fazer que uma palavra diga tudo isso”, continuou Alice em tom pensativo. “Quando faço uma palavra trabalhar tanto assim sempre pago mais” (Carroll, 1871/1976, pp. 214-215).

Nessa conversa, Humpty Dumpty, o ovo cheio de si, poderia ser um paciente, enquanto Alice seria a analista. O neurótico é alguém que está

sempre pagando caro para que as palavras digam o que ele imagina delas, acabando por cair em trapalhadas, enquanto o psicótico é alguém que oscila entre a obediência incondicional às palavras e a megalomania de ter as palavras como escravas. A utilização das palavras tem importância maior no campo das lutas políticas. Fascistas e nazistas pretendem submeter as palavras e controlá-las (Klemperer, 1947/1996) enquanto perguntas e debates são próprios à democracia. Quanto mais íntimas as palavras, mais temos a impressão de que as dominamos, que dizemos o que queremos, alheios ao poder que elas exercem sobre nós. Para Lacan, *Alice no país das maravilhas* é uma obra privilegiada para o estudo da “verdadeira natureza da sublimação na arte” (1966).

Como o equívoco não dominaria o discurso, quando se subverte a razão cartesiana? “Penso onde não sou, logo sou onde não penso”, afirma Lacan (1957/1998, p. 521). Em sua singular leitura de James Joyce, ele mostra que o analista recupera o equívoco como sua única arma contra o sintoma, transformando-o em um significante que ressoe (1975-1976/2007, p. 18). O que implica que o psicanalista ocupe, na interpretação, uma função poética, o equívoco atravessando até mesmo a musicalidade da voz. Equívoco é o lugar que ocupa o inconsciente entre o imaginário e o real; equívocos caracterizam a língua, sabê-lo liberaria a criatividade do analista (Lacan, 2018, pp. 92, 98, 112). A tragédia, o drama, a comédia se baseiam em equívocos. Se tivéssemos nascido em boa paz, bom entendimento, há muito se saberia; nascemos equivocados, vivemos no mal-entendido, buscando dar a quem não quer algo que não temos, não falamos de maneira unívoca pelo contrário, muito do que dizemos tem múltiplos sentidos, muitas vezes aleatórios, contraditórios, quase nunca nosso inconsciente nos envia mensagens claras, com sentidos unívocos. No esquecimento da função e do campo da palavra e da linguagem em psicanálise reside uma forma particular de equívoco levando a formações imaginárias, em que analista e paciente acreditam compartilhar os mesmos sentimentos e ideias, nada mais equivocado do que o fantasma de “sentir com”. A dialética da intersubjetividade mostra que os significantes que circulam entre analista e paciente são sobredeterminados pela história de cada um; as traduções entre real, simbólico e imaginário sendo sempre polissêmicas, não havendo razão para que coincidam entre dois sujeitos, pelo contrário.

A desmistificação do tato e da empatia reside na exigência da atenção prestada aos significantes em curso em cada ocasião, o que Ferenczi chama de julgamento, pois aquela dialética incide apenas sobre a articulação de linguagens, sempre dirigidas a alguém; antes mesmo de significarem, se situam na transferência, não bastando que os sentimentos sejam recíprocos para que sejam os mesmos, ocupando o mesmo espaço, o mesmo lugar, tendo o mesmo percurso para ambos os participantes em uma empreitada.

Sendo um jogo de xadrez disputado entre o imaginário do sintoma e o real dos corpos, apostando na expansão do simbólico, a clínica é um permanente interrogar-se, surpreender-se, tentando atenuar as repetições. Nesta interrogação há espaço para uma formalização em termos de nó borromeu a vários laços, cada um deles comportando suas próprias três instâncias topológicas; assim, o tato, a empatia, a auto-observação e o julgamento são entendidos enquanto formações imaginárias (IRS), tecidas a uma teoria considerada como dando conta do simbólico, do imaginário e do real (SIR), ambas confrontadas e tecidas por sua vez ao real da clínica, ela própria compreendida através da difração de um prisma que a mostre, ao mesmo tempo, como real, simbólica e imaginária (RSI), articulando no encontro entre Freud, Ferenczi e Lacan o percurso destas três abordagens oscilantes entre suas posições, reais, simbólicas e imaginárias, todos tendo suas próprias inscrições no percurso do analista, do paciente, da história da teoria e na história da clínica, todas, é claro, se articulando no tempo histórico que define para o analista sua *polética* da psicanálise. Compreendemos que a ética só pode se dar como projeto revolucionário e nunca como sendo dada, já adquirida, quando corre o risco de se transformar em moralismo piegas sentencioso, senão vão adjetivo qualificando o vazio no melhor dos casos, "... ou pior".

PARA UM FIM

Gostaria de começar a terminar com algumas lembranças. Olga Dormandi, pintora que realizou os retratos de Ferenczi, recorda:

Seria errado, entretanto, imaginar Ferenczi como imbuído de uma gentileza atenta. Ele era impaciente e apaixonado. Quando pintei seu retrato, tive que trabalhar o mais rápido que pude, porque ficar parado por mais de

cinco minutos (e eu não exigia imobilidade) era uma verdadeira prova para ele. Eu achava que tinha um tigre em meu estúdio (2010, p. 135).

Em sua biografia de Lacan, Elisabeth Roudinesco evoca Jean-Jacques Gorog, amigo e intérprete de Lacan, que lembra: antes de suas férias durante o verão de 1973, Lacan foi a Budapeste, onde conversou longamente sobre Ferenczi com Imre Hermann (1889-1984), psicanalista e matemático (Roudinesco, 1993, p. 461). Acrescento: no ano letivo seguinte a essas conversas, entre 1973-1974, Lacan deu o seminário *Os non-tolos erram, Les non-dupes errent*, cuja homofonia com o título francês do antigo seminário *Les noms du père* o transforma em ambigrama, significantes suportando diferentes leituras. Sua homofonia em francês cria ambiguidade, e logo possibilidade de equívoco. Entre os nomes fundadores da psicanálise se inscreve o de Ferenczi, talvez escondido entre os três nomes do pai designados por Lacan, real, simbólico, imaginário — “estritamente equivalentes”, afirma ele, nesta primeira lição deste seminário — talvez enquanto o morto que retorna em posição de Outro. Entretanto, pelo menos um autor assinala outra implicação do título, *dupes du père*, tolos do pai, do inconsciente, do real. Quando Freud acusa Ferenczi de se fechar em sua ilha de sonhos, Ferenczi escreve seus últimos artigos que revolucionam a história da psicanálise. Não se trata para Lacan de não mais ser tolo, porém, pelo contrário, de sê-lo mais, de se entregar à tolice do inconsciente, de maneira a nos abriremos a ele. De fato, Lacan chama a atenção para a polissemia deste verbo *errer* em francês (Lacan, 1973-1974, p. 7; Nominé, 2013), polissemia que leva à sua confusão com o substantivo feminino, *erre*, movimento, “continuar seu discurso” ou “velocidade de um navio quando ele não é mais propulsado” (*Le Robert*, 2022, p. 911). *Les nons-dupes errent* sendo inseparável da errância do pai, lembremos a errância tanto de Ferenczi quanto de Lacan: de Ferenczi, junto a Elma Pálos, a Clara Thompson, a Elisabeth Severn, a jovem proletária, suas pacientes; de Lacan, junto a sua filha — tendo tido uma filha com uma mulher casada com outro homem, o sobrenome desta menina será o deste homem, marido de sua mãe. “Não há dúvida de que a teoria do *nome-do-pai*, que formará o eixo central da doutrina lacaniana, encontrará um de seus fundamentos no drama desta

experiência vivida em meio de ruínas e da guerra” (Roudinesco, 1993, p. 220). Lacan ele próprio comenta a situação diante de seu público colocado em situação de analista: “Eis aqui, me dizia eu, me dirigindo a mim mesmo, pelo meu nome secreto ou público, eis aqui porque em suma, Jacques Lacan, tua filha não é muda. Tua filha é tua filha, porque, se fôssemos mudos, ela não seria tua filha” (Lacan, 1961-1962/2003, pp. 56, 60). É nesta mesma lição ainda que Lacan evoca o exemplo de seu avô, cuja presença foi tão problemática em sua vida, tendo apagado a presença de seu pai (Roudinesco, 1993, pp. 374, 606). Nosso colega, Hudson Bonomo, em sua tese doutoral recente, menciona amplamente Lacan e termina com Ferenczi, lembrando também a errância, tema central do que escreve (2024).

Escrevendo a Donald Winnicott, em 5 de agosto de 1960, Lacan afirma: “A confusão de línguas dentro da Internacional atenua muito meu arrependimento de haver continuado minha carreira fora dela” (1985, pp. 7-10). Lacan retorna aqui à confusão de línguas, artigo de Ferenczi que o havia impressionado anos atrás (Lacan, 1953-1954/1998, p. 244). Sua criatividade estava ligada a essa posição marginal, em que Lacan se via acompanhado por alguém sempre mencionado em surdina, até mesmo quando o atacava (Barzilai, 1997). O ataque não era recusa, era apego. A confusão de línguas marca os seminários de Lacan, sua obra, seu estilo, impregna a obra de Lacan. O que é o equívoco senão uma decorrência da confusão de línguas?

Deixo agora uma pergunta: não corresponderiam, pelo menos em parte, os esforços de formalização lógica, algébrica e matemática da psicanálise à ambição de eliminar as confusões de línguas, disseminações dos equívocos? Clarificar estas confusões é uma possível ambição *polética* da psicanálise, exigindo sua tradução em língua vulgar, segundo o belo título do texto de Dante (Allighieri, 2021); língua vulgar esclarecida por uma ética ainda inexistente, cujas condições de construção cumprem definir. A ética só pode ser um projeto, um condicional, pretérito imperfeito, um imperativo futuro; ela é certamente inexistente no presente, a única ética imaginável sendo a de Don Quixote. Lacan a define no condicional, no imperfeito, no momento mais avançado de sua clínica — “uma ética que se *fundaria*” (1973-1974, p. 8) (meus itálicos)⁵, eis que ele retoma, desde

o começo, sua ética, para tentar formulá-la de maneira a dissipar os mal-entendidos, as confusões, os equívocos. “Eis-me aqui de novo a formular uma ética” (1973-1974, p. 69). Uma ética presentificada, atual, posta em prática, se degrada em moralismo, em pretensão. Na bela tradução de Ana Helena Souza, como pontua este outro mestre da confusão de línguas rumo ao fim, só nos resta recomeçar: “Pouco importa. Tente de novo. Tente melhor. Falhe melhor” (Beckett, 1983/2012). Um discurso, uma palavra, um estilo buscando a ética e a política, seríamos tentados de escrever a *polética*, hoje, na luta, que só pode se dar em língua vulgar.

REFERÊNCIAS

- Allouch, J. (1994). *Marguerite ou l'Aimée de Lacan. Postface de Didier Anzieu*, Paris, EPEL.
- Andrade, C. D. de (1968/2015). *A falta que ama*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Andréas-Salomé, L. (1970), *Correspondance avec Sigmund Freud 1912-1936 suivie du Journal d'une année 1912-1913*, Paris, Gallimard, p. 122.
- Arbisio, C. (2016). « La pulsion de mort au fondement de la subjectivité », *Le Coq-Héron*, 1(224).
- Barzilai, S. (1997). “‘History is not the past’: Lacan’s Critique of Ferenczi”, *Psychoanalytic Review*, 84(4), 553-572.
- Beckett. (1983). Pra frente o pior, *Companhia e outros textos*, Rio de Janeiro, Globo, 65-88.
- Berman, A. (1995). *Pour une critique des traductions : John Donne*. Paris, Gallimard.
- Bonomo H. A. R. (2024). *Uma ética do Real: Identificações hiperdinâmicas em um não-lugar*, tese doutoral, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro.
- Carroll, L. (1871/1976). « *Alice through the looking glass* », *The Complete Works of Lewis Carroll*, New York, Vintage Books.
- Chasson, M., Erel-Brodsky, H. & Taubman, Ben-Ari, O. (2024). Mother’s Disintegrative Responses in the Context of Infant Care: Clinical and Empirical Evidence of the Role of Empathy and Parity. *Psychoanalytic Psychology*, 41:78-87.
- Deleuze, G. (1993). *Critique et clinique*. Paris, Minuit.
- Diener, Y. (2013). “Le savoir-faire de la scansion : topologie d’une transmission », *Essaim*, 1(30), 69-78.
- Dormandi, O. (2010). « Sándor Ferenczi. Souvenirs d’un peintre qui fut son amie et son portraitiste », *Le Coq-Héron*, (200), 133-144.
- Fellini, F. (1972), Fellini Vogue, *Vogue*.
- Ferenczi, S. (1914/2021). Análise descontinua. *Obras completas, Psicanálise, II*, São Paulo, Martins Fontes, 173-175.
- Ferenczi, S. (1918/2021). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. *Obras completas, Psicanálise, III*, São Paulo, Martins Fontes, pp. 1-9.

- Ferenczi, S. (1920/2022). « Matemática », *Psicanálise IV, Obras completas, tomo IV, 1927-1933*, op. cit, pp. 203-214.
- Ferenczi, S. (1928). Die Anpassung der Familie an das Kind. *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik*, 2(8-9):239-251.
- Ferenczi, S. (1928a). A adaptação da família à criança. *Obras completas, Psicanálise 4*, São Paulo, Martins Fontes, 2022, 1-15.
- Ferenczi, S. (1928b/1985). “L’adaptation de la famille à l’enfant”, *Psychanalyse 4, Œuvres complètes, 1927-1933*, pp. 29-42.
- Ferenczi, S. (1928c/2018). “The Adaptation of the Family to the Child”, *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*, London and New York, Routledge, Taylor & Francis, pp. 61-76.
- Ferenczi, S. (1928d). “Die Elastizität der psychoanalytischen Technik“, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 14(2): 197-209.
- Ferenczi, S. (1928d/1985). L’élasticité de la technique analytique, *Psychanalyse IV, Œuvres complètes, tome IV, 1927-1933*, pp. 53-65, Paris, Payot.
- Ferenczi, S. (1928d/2018). “The Elasticity of Psycho-Analysis Technique”, *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*, London and New York, Routledge, Taylor & Francis, 2018, pp. 87-101.
- Ferenczi, S. (1929/2022). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, *Obras completas, Psicanálise, IV*, São Paulo, Martins Fontes, 55-60.
- Ferenczi, S. (1930), Princípio de relaxamento e neocatarse, *Psicanálise IV, Obras completas, tomo IV, 1927-1933*, São Paulo, Martins Fontes, 2022, pp. 61-78.
- Ferenczi, S. (1931/1982), Sur l’orgasme masochiste. Notes et Fragments. *Psychanalyse IV, Œuvres complètes, tome IV, 1927-1933*, 289-290. Paris, Payot.
- Ferenczi, S. (1931/2018). On Masochistic Orgasm. *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*, London and New York, Routledge, Taylor & Francis, pp. 248-249.
- Freud, A. (1967). About Losing and Being Lost. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 9-19.
- Freud, A. (1969). James Strachey — 1887-1967, *International Journal of Psychoanalysis*, (50), 131-132.

- Freud, A. (2003). *Lettres à Eva Rosenfeld 1919-1937*, Paris, Hachette.
- Freud, S. (1912-1913/1993). *Totem et tabou. Quelques concordances entre la vie psychique des sauvages et celle des névrosés*. Paris, Gallimard.
- Freud, S. (1923/2011). “Psicanálise” e “Teoria da Libido”, *Obras completas, v. 15 (1920-1923)*, Companhia das Letras, 2011, pp. 273-308.
- Freud, S., & Ferenczi, S. (1992). *Correspondance 1914-1919, tome I*, Paris, Calmann-Lévy.
- Freud, S., & Binswanger, L. (1995), *Correspondance 1908-1938*, Paris, Calmann-Lévy.
- Freud, S., & Ferenczi, S. (2000). *Correspondance 1920-1933, tome III*, Paris, Calmann-Lévy.
- Freud, S. (2006). *Lettres à Wilhelm Fließ (1887-1904)* (2006), Paris, PUF.
- Freud, S., & Freud, A. (2012). *Correspondance 1904-1938*, Paris, Fayard.
- Freyman, J.-R. (2019). « La forclusion », *Les mécanismes psychiques de l'inconscient*, Toulouse, Érès, pp. 57-71.
- Gardner, J. (2024). Forms and Transformations of Empathy: Subtleties and Complexities of Empathic Communication. *Psychoanalysis, Self, and Context*, 19:80-93.
- Graf, M., & Eissler, K. R., (1996), « Entretien du père du Petit Hans, Max Graf avec Kurt Eissler, le 16 décembre 1952 », *Bloc-notes de la psychanalyse*, (14): 123-159, Genève, Georg Éditeur.
- Grigg, R. (2003). Lacan in Translation. *Ornicar? digital*, <https://wapol.org/ornicar/articles/ggg0155.htm>.
- Grigg, R. (2011). Lacan en anglais. *La cause freudienne*, 3(79) : 175-178. Paris, Éditions de l'École de la cause freudienne.
- Groddeck, G. (1924). *Ça et moi. Lettres à Freud, Ferenczi et quelques autres*, Paris, Gallimard, 1977, p. 111.
- Guitart, R. (2012). L'idée d'objet borroméen, à l'articulation entre les nœuds et la logique lacanienne. *Essaim*, 1(28):85-97, Toulouse, Érès.
- Guzzardi, S. (2024). Toward a Queered Psychology of the Self: Empathy and Passibility from the Margins to the Center. *Psychoanalysis, Self, and Context*, 19:33-48.
- Haynal, A., & Falzeder, E. (1993). Empathy, Psychoanalytic Practice in the 1920s, and Ferenczi's *Clinical Diary*, *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 21(4):605-621.

- Klemperer, V. (1947/1996). *LTI, La langue du troisième Reich*, Paris, Albin Michel.
- Kuperman, D. (2019). *Pourquoi Ferenczi ? Le style empathique dans la clinique psychanalytique*, Paris, Ithaque, 2022.
- Lacan, J. (1936/1998). “Para além do ‘Princípio de realidade’”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 77-95.
- Lacan, J. (1953/1998). « Função e campo da fala em psicanálise », *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, pp. 238-324.
- Lacan, J. (1954-1955/1979). *O seminário, livro I, Os escritos técnicos de Freud*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Lacan, J. (1955/1998). Variantes da cura-tipo, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 323-364.
- Lacan, J. (1957/1998). “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, pp. 496-533
- Lacan, J. (1958-1959/2013), *Le séminaire, livre VI, Le désir et son interprétation*, Paris, La Martinière.
- Lacan, J. (1961-1962/2003), *O seminário, livro 9, A identificação*, Recife, Edições Bagaço.
- Lacan, J. (1966). “Alice au pays des merveilles sur le divan », *Les nuits de France Culture*, France Culture, 31 de dezembro.
- Lacan, J. (1969-1970). *O seminário, livro XVII, O avesso da psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Lacan, J. (1973-1974). *Le séminaire, livre XXI, Les non-dupes errent*, Paris, Staferla, sem data.
- Lacan, J. (1974-1975), *Le séminaire, livre XXII, RSI*, Paris, Staferla, sem data.
- Lacan, J. (1975-1976/2005). *O seminário, livro XXIII, O sinthoma*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Lacan, J. (1976). « La scission de 1953 », Suplemento de *Ornicar?*, (7) :200.
- Lacan, J. (1976-1977). *Le séminaire, livre XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, Paris, Staferla, sem data.
- Lacan, J. (1977-1978), *Le séminaire, livre XXV, Le moment de conclure*, Paris, Staferla, sem data.
- Lacan, J. (1985). *Ornicar ?*, (33):7-10.
- Meschonnic, H. (1999). *Poétique du traduire*. Paris, Verdier.

- Pontalis, J.-B. (1991). Au nom de Freud. Dans Freud, S., *Sur l'histoire du mouvement psychanalytique*, pp. IX-XXIII, Paris, Gallimard.
- Le Robert (2022). *Dictionnaire étymologique de la langue française*, Le Robert, 2022, palavra « erre ».
- Miller, J.-A. (2018). « Forclusion généralisée », *La cause du désir*, 2(99):131-135. Paris, Les Éditions de l'École de la cause freudienne.
- Nominé, B. (2013). « Dupe du père, dupe de l'inconscient, dupe du réel », *Champ Lacanien*, (14):75-81. Paris, EPFCL, École de psychanalyse des Forums du Champ Lacanien.
- Oltarzewska, J. (2008). Flights of Theory. The Lacanian Letter and Its Translations. *Revue française d'études américaines*, 1(115):89-101, Paris, Belin.
- Prado de Oliveira, L. E. (2011). "Forclusion. Thèses, histoires, cliniques", Bruxelles, *Cahiers de psychologie clinique*, 1(36):77-92. Bruxelles, De Boeck.
- Roudinesco, E. (1993). *Jacques Lacan. Esquisse d'une vie. Histoire d'un système de pensée*, Paris, Fayard.
- Schmidt, E. (2010). "The Berlin tradition in Chicago: Franz Alexander and the Chicago Institute for psychoanalysis", *Psychoanalysis and History*, 12(1):69-83.
- Souza, A. H. (2006). *A tradução como um outro original. Como é de Samuel Beckett*. Rio de Janeiro, 7 Letras.
- Stern, D. (2017). Interpersonal Psychoanalysis: History and Current Status, *Contemporary Psychoanalysis*, 53(1):69-94.
- Strachey, J. (1966). Volume I (1866-1899) Pre-Psychoanalytic Publications and Unpublished Drafts. *The Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis.
- Strauss, L. (2015). *A perseguição e a arte de escrever. E outros ensaios de filosofia política*, São Paulo, Martins Fontes.
- Stuart, J. (2007). "Little Hans and Freud self-analysis: A Biographical View of Theory in the Making", *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 55(3):799-819.
- Van Reeth, A. (2018). « Parlez-vous Lacan ? », *Les chemins de la philosophie*, France Culture.
- Young-Bruehl, E. (1988/1991). *Anna Freud*, Paris, Payot.
- Weyergans, F. (1973). *Le pitre*, Paris, Gallimard.

NOTAS

¹Parte importante deste trabalho foi apresentado nas jornadas da Sociedade de psicanálise Iracy Doyle de março de 2024. Nesta ocasião ele beneficiou de trocas com Angela Coutinho, Tabatah Flores e Ninfa Parreiras.

²Die Anpassung der Familie an das Kind, *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik*, 1928, 2(8-9):239-251, p. 247: « *Die Eltern können nicht glauben, daß das Kind in seinen Genitalien ähnliche Sensationen hat, wie sie selbst.* ».

³A primeira edição de suas obras completas em inglês data da década de 1950, sendo *Notas e Fragmentos* conhecidos em inglês desde os anos de 1930.

⁴Die Anpassung der Familie an das Kind, *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik*, 1928, 2(8-9): 239-251, p. 247: “*Das Kind hingegen dünkt sich aber wegen dieser Gefühle verworfen und glaubt, die Erwachsenen seien in dieser Hinsicht rein und makellos*”.

⁵“Mais est-ce bien sûr qu’il y ait qu’une Voie ? Ou même que la notion de « la Voie », de la méthode, vaille quoi que ce soit ? Est-ce que ça ne serait pas en nous forgeant une tout autre éthique, une éthique qui se fonderait sur le refus d’être non-dupe, sur la façon d’être toujours plus fortement dupe de ce savoir, de cet inconscient, qui en fin de compte est notre seul lot de savoir.” (1973-1974, p. 8).